

EMPREENDENDO NA CIÊNCIA: BRASIL E EXTERIOR

Marcos Botton. Pesquisador da Embrapa Uva e vinho

Empreendedorismo é o processo de iniciativa de implementar novos negócios ou mudanças em empresas já existentes. É um termo muito usado no âmbito empresarial e muitas vezes está relacionado com a criação de empresas ou produtos novos, normalmente envolvendo inovações e riscos. Numa outra linha de raciocínio empreendedorismo é considerado o envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, levam a transformação de ideias em oportunidades. Associado ao termo empreendedorismo encontra-se o empreendedor que é a pessoa que inicia ou opera um negócio para realizar uma ideia ou projeto pessoal assumindo riscos e responsabilidades inovando continuamente.

Esses conceitos apresentam variantes conforme o autor. No entanto, esse texto será escrito de forma a relatar a minha experiência pessoal e profissional no tema, de forma a gerar uma reflexão nos cientistas que hoje estão se preparando para o mercado de trabalho. De maneira objetiva, todo o profissional toma a decisão de seguir na carreira científica deveria ter o perfil empreendedor. O SEBRAE considera um empreendedor de sucesso os indivíduos que possuem algumas características as quais são divididas em 3 conjuntos: **Conjunto de realização:** busca de oportunidades; correr riscos calculados; exigência de qualidade e eficiência; persistência e comprometimento. **Conjunto de planejamento:** busca de informações; estabelecimentos de metas; planejamento e monitoramento. **Conjunto de poder:** persuasão e rede de contatos; independência e autoconfiança. Se nesse momento, você que está lendo esse texto se for observar os cientistas de destaque na sua área verá que essas características estarão presentes nos profissionais que são referência na ciência.

No entanto, recentemente o Brasil passou por um momento de grande incentivo a formação de novos cientistas com base no estímulo a cursos de pós-graduação *latu sensu* formando um grande número de profissionais com mestrado e doutorado. A formação, de maneira geral teve como base uma visão estritamente acadêmica. De forma resumida, em muitas situações, os estudantes para ganhar tempo e conseguir a titulação (conceito de que a obtenção de um diploma era garantia de futuro), foram estimulados a finalizar a graduação, matricular-se direto no mestrado e em seguida o doutorado, muitas vezes dentro de um único laboratório/instituição. Na escolha do trabalho de dissertação e/ou tese, a meta era muitas vezes definir o escopo do trabalho com base em qual a revista o artigo seria publicado, sem se considerar o impacto dos resultados da pesquisa (que tipo de inovação além do avanço do conhecimento o trabalho geraria). Ao final desse processo, com o acúmulo de artigos em revistas com um bom fator de impacto, era possível passar num concurso público repetindo o modelo com os novos estudantes.

Esse modelo foi eficaz por muitos anos. No entanto, o mesmo formou profissionais com uma visão desconectada dos setores produtivos que além de serem usuários do conhecimento gerado nas Instituições de pesquisa e ensino, são os financiadores das pesquisas através dos impostos. Em outras palavras: o que está sendo gerado na ciência não está sendo apropriado pelos setores produtivos de forma a aumentar a competitividade dos mesmos. Nos casos em que o conhecimento gerado poderia impactar o setor produtivo, não estamos conseguindo conectar os usuários de forma que ocorra o impacto desejado. É claro que existem exceções a esse modelo generalista, mas aqui que entra a importância de formarmos cientistas empreendedores que não se preocupem somente em gerar avanços no conhecimento, mas sim, coloquem e prática na forma de produtos, processos e ou serviços, os avanços obtidos na academia.

Com base nesse diagnóstico inicial, precisamos refletir como isso poderia ser feito.

O primeiro grande paradigma que precisa ser alterado é o conceito de estabilidade falsamente propagado pelo setor público. Estabilidade não existe. Premissas como aposentadoria integral, dedicação exclusiva, 8 horas em sala de aula por semana, férias de 45 dias foram atrativos do passado, mas que não existem mais para quem está entrando no mercado de trabalho da ciência e pensa em ser empreendedor.